

# A TOPONÍMIA DOS ACIDENTES FÍSICOS DA MICRORREGIÃO DE QUIRINÓPOLIS/SUL GOIANO

*The toponymy of the physical accidents of the Quirinópolis microregion/South of Goiás*

Renato Rodrigues PEREIRA<sup>1</sup>

**Resumo** | Com este artigo, apresentamos um recorte da pesquisa que realizamos sobre a toponímia da microrregião de Quirinópolis, no Sul Goiano. Para tanto, orientamo-nos pelos princípios teórico-metodológicos da Toponímia, em especial, as contribuições de Dick (1990, 1992) e os procedimentos metodológicos utilizados no âmbito do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul. Os dados toponímicos possibilitaram-nos desvendar particularidades sociais, linguísticas, culturais e históricas do povo do universo estudado, demonstrando, pois, a influência de aspectos relacionados às pessoas que ocupam ou ocuparam o espaço geográfico.

**Palavras-chave** | Toponímia. Microrregião de Quirinópolis. Sul Goiano. Topônimo.

**Abstract** | Through this article, we present a review of the research that we carried out on the toponymy of the Quirinópolis microregion, in the South of Goiás. To that end, we are guided by the theoretical-methodological principles of Toponymy, especially the Dick's contributions (1990, 1992) and the methodological procedures used in the scope of the ATEMS Project - Toponymic Atlas of the Mato Grosso do Sul State. The toponymic data allowed us to uncover social, linguistic, cultural, historical and geographical particularities of the studied universe, thus demonstrating the influence of aspects related to the environment and the people who occupy or occupied the geographical space.

**Keywords** | Toponymy. Microregion of Quirinópolis. South of Goiás. Toponym.

---

<sup>1</sup> Pereira. UFMS. Endereço eletrônico: [renato.r.pereira@ufms.br](mailto:renato.r.pereira@ufms.br). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9870-3780>

## Introdução

Pelo estudo dos nomes próprios de lugares, descobrimos registros linguísticos, sociais e históricos de um povo. Na designação de um lugar, o homem registra, de forma espontânea ou convencional, as características ambientais circundantes e os sentimentos eufóricos e disfóricos sobre pessoas e lugares, de forma que a crônica dos habitantes de uma região, desde os primeiros rumores de colonização, pode ser evidenciada pela análise do léxico toponímico em decorrência do caráter emblemático que o topônimo possui.

Neste artigo, apresentamos um recorte da pesquisa que realizamos para a Dissertação de Mestrado, quando estudamos a toponímia da microrregião de Quirinópolis no extremo Sul Goiano e também sua relação com estados vizinhos, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais (PEREIRA, 2009). Para tanto, orientamo-nos pelos princípios teóricos e metodológicos da Toponímia, da Dialetoлогия e da Geolinguística, assim como de epistemologias da Antropologia, da História, da Geografia, com vistas, primeiro, a dar conta dos objetivos e hipóteses estabelecidas e, segundo, oferecer à academia um trabalho que pudesse servir de parâmetro para os estudos futuros no estado de Goiás, pois, naquele momento, nossa pesquisa configurava-se como um primeiro estudo sistemático da toponímia desse Estado, do ponto de vista linguístico, e representava uma primeira iniciativa em prol de um futuro Atlas toponímico do Estado de Goiás<sup>2</sup>.

Com a pesquisa de mestrado, percebemos o reflexo de aspectos linguísticos, sociais e históricos de Goiás, assim como o transpassar dessas características toponímicas na nomenclatura de estados vizinhos, como Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, assunto esse tratado na segunda parte da dissertação e sobre o qual escrevemos para capítulo do livro *Toponímia. ATEMS: caminhos metodológicos. Volume I*, organizado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aparecida Negri Isquerdo, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a ser publicado em 2018, pela Editora da UFMS.

À época da pesquisa, conduzimos as análises a partir de duas hipóteses: i) a toponímia da microrregião de Quirinópolis incorpora particularidades sócio-linguístico-culturais, históricas e geográficas da região a que pertence; ii) existência de uma possível “isoglossa toponímica”, na região de fronteira de Goiás com Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

---

<sup>2</sup> Àquela época, a única notícia a que tivemos acesso sobre trabalhos realizados em Toponímia no Estado foi realizada quando, em homenagem ao aniversário de Goiânia, a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás promoveu, no dia 21 de outubro de 2006, o evento “Sábados da Toponímia: história dos nomes de Goiânia e de Goiás”, com as palestras “A escolha do nome ‘Goiânia’ para a Nova Capital do estado: história de um concurso” e “O processo de fixação dos nomes dos primeiros setores de Goiânia”.

Neste texto, apresentamos, de forma sucinta, os resultados alcançados com a realização da primeira parte do trabalho, quando estudamos a nomenclatura dos acidentes físicos – rios, córregos, serras, lagos etc. – da microrregião de Quirinópolis.

## Dos objetivos e apresentação dos dados

Com a tentativa de comprovar ou refutar a primeira hipótese mencionada, estabelecemos os seguintes objetivos:

- i. Inventariar os topônimos a partir de mapas oficiais do IBGE, com escala de 1:100,000 e classificá-los de acordo com as taxionomias propostas por Dick (1992);
- ii. Identificar e registrar a língua de origem dos topônimos da região, com vistas a resgatar o(s) estrato(s) linguístico(s) predominante(s) na toponímia da microrregião em estudo;
- iii. Analisar as taxionomias de topônimos mais produtivas com a intenção de recuperar condicionantes de natureza sócio-ambiental que motivaram a origem do topônimo;
- iv. Descrever os topônimos do ponto de vista linguístico, enquanto signo de língua (estrutura formal, motivação semântica, etimologia...);
- v. Contribuir com dados para o projeto ATB<sup>3</sup> por meio de mais um trabalho a respeito da toponímia brasileira.

Para apresentarmos o conjunto dos 932 topônimos extraídos dos mapas consultados, elaboramos um modelo de quadro com base na ficha lexicográfico-toponímica elaborada por Dick (2004) e nos quadros propostos por Dargel (2003) e por Moreira (2006). Organizamos, pois, nove quadros, ou seja, um quadro para cada município<sup>4</sup>.

A título de exemplo, apresentamos, na sequência, parte do quadro com os dados toponímicos do município de Caçu.

---

3 Atlas Toponímico do Brasil.

4 Os nove municípios da microrregião de Quirinópolis são: Caçu, Lagoa Santa, Itajá, Itarumã, São Simão, Paranaiguara, Quirinópolis, Gouvelândia e Cachoeira Alta.

- | A toponímia dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis/Sul Goiano

### **Topônimos dos acidentes físicos do município de Caçu**

**Mesorregião:** Sul Goiano (IBGE, 2010).

**Microrregião:** Quirinópolis (IBGE, 2010).

**Data de instalação:** A notícia do primeiro branco a se instalar na região data do ano de 1858 (CHASTAN, 2001). A data de instalação do município, segundo o IBGE (2008), aconteceu em 01/01/1954.

**Área:** 2.251 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

**Municípios e/ou Estados limítrofes:** Cachoeira Alta, Aparecida do Rio Doce, Paranaiguara, São Simão, Itarumã, Jataí e Minas Gerais (IBGE, 2010).

**Nome(s) anterior (es):** Água Fria (CHASTAN, 2001).

**Histórico do nome do município:** O nome Caçu, por muito tempo, foi dado como originário da planta alcaçuz, encontrada nas proximidades das nascentes do ribeirão Caçu. A propósito do nome dessa planta, há algumas controvérsias: para o naturalista Elvis Nascimento, a referida planta não é o verdadeiro alcaçuz, pois a altitude da região (400m) impossibilita a sua existência, que exige altitude igual ou superior a 1.000m acima do nível do mar. O naturalista informa ter encaminhado o *alcaçuz* caçuense para exames laboratoriais na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) e que o laudo assinado pelo doutor em botânica Ivan Schiavini reconheceu a planta como uma espécie da família das Myrtáceas. Já para o jornalista da cidade, José Faria, a origem do nome Caçu veio junto com os primeiros habitantes da região, de Uberaba/MG, local onde há a família Caçu e lugares com esse nome (FARIA, 2001).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de Origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura Morfológica/topônimo
Açude, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Água Boa, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Fria, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Limpa, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Alarcão	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Alarcão, do	Serra	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Anta, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Areia	Ribeirão	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Augustinho	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Azul	Córrego	AF	LP		Cromotopônimo	Simple
Azul	Córrego	AF	LP		Cromotopônimo	Simple
Baiano, do	Córrego	AF	LP		Etnotopônimo	Simple
Bálsamo	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Bernardo, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple

Fonte: Pereira (2009)<sup>5</sup>

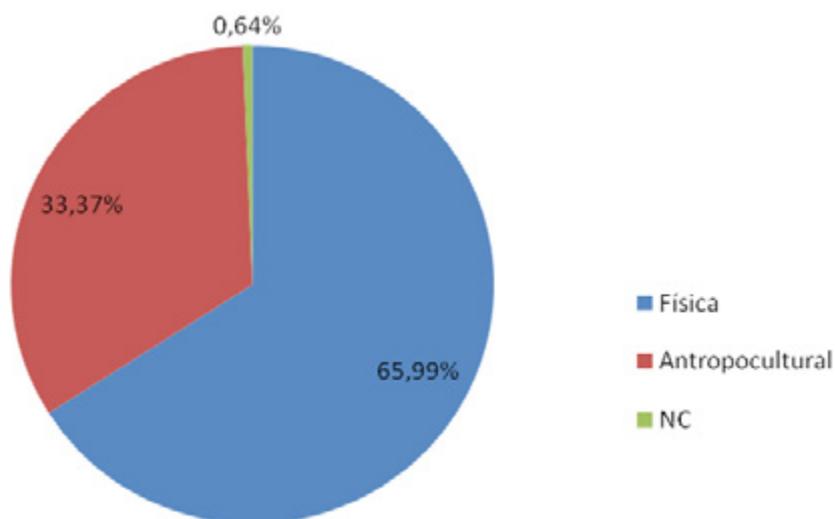
Apresentados os dados nos nove quadros elaborados para esse fim, passamos então para a análise das questões relacionadas à natureza das taxionomias, às ocorrências taxionômicas na microrregião estudada, à língua de origem dos topônimos e à estrutura morfológica desses designativos. Para essas possibilidades de análise, apoiamos-nos nos princípios teóricos e metodológicos da Toponímia, especialmente nos trabalhos da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick e, também, na metodologia adotada pelo ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aparecida Negri Isquerdo.

<sup>5</sup> A coluna *etimologia*, nos nove quadros da pesquisa de Pereira (2009), serviu para registrar informações etimológicas mais detalhadas sobre os topônimos de origem indígena.

## Topônimos de acordo com a natureza das taxionomias

O modelo taxionômico elaborado por Dick (1992), o qual utilizamos neste estudo, foi construído com o objetivo de possibilitar ao pesquisador descobrir a motivação do topônimo sem ter que voltar ao passado histórico. O modelo proposto pela autora subdivide-se em 16 taxes de natureza física e 11 de natureza antropocultural<sup>6</sup>. Nessa perspectiva, pela análise da natureza das taxes toponímicas, é possível descobrir, a partir da nomenclatura de uma determinada região, se o designador recorreu a elementos do ambiente físico ou a fatores socioculturais como motivação no ato da designação.

O Gráfico 1, a seguir, apresenta em termos percentuais a distribuição dos 932 topônimos, segundo a natureza das taxionomias, física e antropocultural, ao mesmo tempo em que visualiza o percentual de topônimos não classificados numa das 27 taxes concebidas por Dick (1992), por insuficiência de informações linguísticas acerca do item lexical que deu origem ao topônimo.



**Gráfico 1** – Distribuição percentual dos topônimos, segundo a natureza das categorias taxionômicas (veja no modelo)

Fonte: Pereira (2009, p. 139)

6 a) **Taxionomias de natureza física** - Astrotopônimos; Cardinotopônimos; Cromotopônimos; Dimensiotopônimos; Fitotopônimos; Geomorfotopônimos; Hidrotopônimos; Litotopônimos; Meteorotopônimos; Morfotopônimos; Zootopônimos; b) **Taxionomias de natureza antropocultural** - Animotopônimos ou Nootopônimos; Antropotopônimos; Axiotopônimos; Corotopônimos; Cronotopônimos; Ecotopônimos; Ergotopônimos; Etnotopônimos; Dirrematotopônimos; Hierotopônimos/hagiotopônimos/mitotopônimos; Historiotopônimos; Hodotopônimos; Numerotopônimos; Poliotopônimos; Sociotopônimos; Somatotopônimos.

Conforme os dados demonstrados no Gráfico I, o *corpus* da pesquisa que deu origem a este artigo confirmou uma tendência da toponímia brasileira como um todo, ou seja, o predomínio de topônimos classificados de acordo com as taxionomias de natureza física, uma vez que, na nomenclatura onomástica dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis, há um percentual de 65,99% (615 topônimos) classificados como taxes de natureza física; 33,37% (311 topônimos) que se enquadram entre as taxes de natureza antropocultural e 0,64% (06 topônimos) não classificados dentre as taxes de Dick (1992).

A grande incidência de taxes de natureza física evidencia a influência de aspectos do ambiente físico no ato de nomeação dos acidentes físicos no universo de designativos aqui focalizados. Percebe-se que os povos tendem a nomear os lugares com nomes dos elementos da natureza circundante, demonstrando, assim, que o meio ambiente exerce grande influência no homem, no ato de batismo de lugares. Essa influência foi constatada também na pesquisa de Francisquini (1998), no Paraná, e nos estudos sobre a toponímia sul-mato-grossense, com as pesquisas de Schneider (2002), de Dargel (2003), de Tavares (2004), de Gonsalves (2004), de Tavares (2005) e de Souza (2006). Isso demonstra que a principal motivação do denominador parece ter sido o próprio ambiente ao seu redor.

Já entre as taxes de natureza antropocultural, destacaram-se os *antropotopônimos*, com 86 topônimos, que homenageiam pessoas importantes na região; os *sociotopônimos*, com 55 ocorrências, que remetem a locais de trabalho, a atividades profissionais, a pontos de encontro de pessoas da comunidade e os *ergotopônimos*, com 39 designações, que recuperam elementos da cultura material do povo da localidade, identificando, assim, a influência do homem no meio em que se encontra.

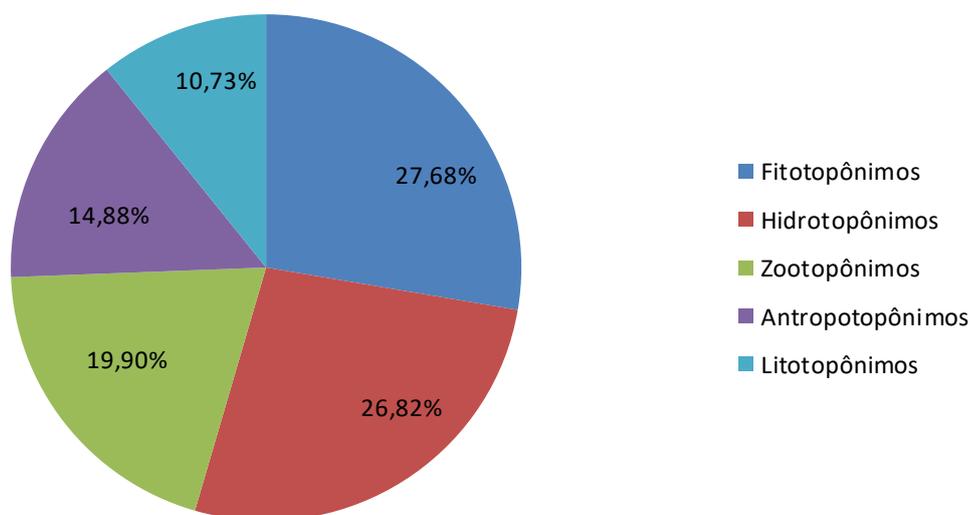
Os 6 topônimos (0,86%) que não foram classificados do ponto de vista taxionômico em virtude de não identificação de informações sobre a natureza linguística desses nomes nas fontes a que tivemos acesso são os seguintes: córrego do *Lirau*; córrego *Tambiacó*; córrego *Imujosa*; córrego da *Nobreza*; riacho do *Queimado*; serra do *Esfolado*. Estudos futuros possivelmente poderão solucionar essa questão, a partir de novas fontes de pesquisa que possibilitem encontrar informações linguísticas e até mesmo extralinguísticas acerca da origem desses nomes.

A maior incidência de taxionomias de natureza física na pesquisa que deu origem a este artigo demonstra a tendência do denominador de nomear os lugares com nomes dos elementos físicos da natureza circundante, numa constatação de que o meio ambiente exerce grande influência sobre o homem, refletindo-se também no processo de nomeação de lugares.

Na sequência, apresentamos a produtividade das diferentes taxes propostas por Dick (1992), na microrregião de Quirinópolis.

## Taxionomias mais produtivas na microrregião de Quirinópolis

Em se tratando da produtividade das taxionomias, optamos por analisar as cinco taxes mais produtivas – *fitotopônimos*, *hidrotopônimos*, *zootopônimos*, *antropotopônimos*, *litotopônimos*. O estudo do *corpus* demonstra, pois, características do ambiente físico, como também a influência que o meio exerce sobre as pessoas no momento de atribuir um nome a um lugar, além de evidenciar a importância do homem no meio em que vive. Seguindo a mesma disposição dos dados do Gráfico 1, o Gráfico 2 na sequência apresenta a distribuição percentual das cinco taxes mais produtivas do universo pesquisado.



**Gráfico 2** – Distribuição percentual das cinco taxes mais produtivas na toponímia da microrregião de Quirinópolis

Fonte: Pereira (2009, p. 142)

Percebe-se pelo Gráfico 2 que, dentre as taxes identificadas na toponímia da microrregião de Quirinópolis, a que atingiu o maior índice de produtividade de ocorrências foi a dos *fitotopônimos* com 160 topônimos, representando um percentual de 27,68% do *corpus* analisado.

Em Pereira (2013, p. 979), discorremos sobre as duas primeiras taxionomias mais produtivas, de forma que pudemos destacar o seguinte em relação aos fitotopônimos,

[...] dentre os topônimos de maior produtividade, situam-se designativos originados de nomes de plantas vinculados a várias áreas da fitologia, como: **madeira de lei** – *jatobá*; **palmeiras** – *buriti*, *guariroba*, *macaúba*, *palmito* (gomo do caule de alguns tipos de palmeiras); **gramínea** – *sapé*; **arbusto/erva pequena** – *bálsamo*; **árvores/arbustos** – *café* (fruto do cafeeiro); termo genérico indicativo de **área coberta de plantas silvestres de portes diversos**.

A esse respeito, ressaltamos a importância das plantas no dia a dia do homem, quando possibilitam alimentos de diferentes naturezas e medicamentos para as distintas enfermidades existentes. Desse modo, justifica-se a considerável produtividade de topônimos de índole vegetal no universo investigado, representada, pois, pela grande preferência do homem por elementos do seu ambiente circundante, em especial os da vegetação, no processo de nomeação dos acidentes geográficos, confirmando, assim, tendências já demonstradas em outros estudos sobre a toponímia brasileira, a exemplo dos realizados no âmbito do projeto Atlas toponímico do estado de Mato Grosso do Sul.

Em se tratando da segunda taxa mais produtiva, os *hidrotopônimos*, em que houve um percentual de 26,82%, correspondendo a 155 (cento e cinquenta e cinco) nomes de lugares, enfatizamos ser a água “a essência da vida e, por isso, a tendência de o denominador/designador, no ato de batismo de um topo, valer-se de nomes relacionados ao elemento água para nomear os lugares” (PEREIRA, 2013, p. 479)<sup>7</sup>.

De acordo com Dick (1990, p. 196), a ocorrência de topônimos, de “natureza hidronímica propriamente dita, vincula-se à importância dos cursos de água para as condições de vida”. Tal importância pode ser percebida quando revisitamos a história dos desbravadores no período colonial, em que na maioria das vezes utilizavam rios como caminho para se chegar aos lugares almejados. Em síntese, ressaltamos as palavras de Pereira (2013, p. 980), para quem o

[...] homem, ao procurar conhecer o universo que o cerca, cria oportunidades para desvendar segredos, para construir e encontrar lugares para fixar-se e dar início a comunidades e, com isso, acaba aprendendo com suas descobertas, com seus erros e acertos. Dessa forma, ao transportar o seu conhecimento e importância da água para o topônimo, o designador distingue o acidente geográfico dos demais, facilitando, assim, a orientação do homem no espaço que o cerca. Além disso, proporciona subsídios para o conhecimento prévio do lugar. No universo pesquisado, por exemplo, dois topônimos confirmam isso: o córrego do *Salto* e a cachoeira *Salto do Rio Claro*. Esses dois acidentes geográficos situam-se em uma localidade onde há duas cascatas de águas abundantes, maravilhosas, denominadas pela comunidade local de – Primeiro Salto e – Salto do Marianinho.

Os topônimos relativos a nomes de animais em geral, os *zootopônimos*, representaram 115 (cento e quinze) ocorrências, correspondendo a um percentual de 19,90% do *corpus*, ocupando a terceira colocação em termos de produtividade.

---

<sup>7</sup> Para mais informações sobre os fitotopônimos e os hidrotopônimos da microrregião de Quirinópolis, conferir Pereira (2009, 2013).

- | A toponímia dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis/Sul Goiano

Os dados zootoponímicos apresentados neste texto se opõem aos apresentados por Dauzat (1922), que detectou uma menor ocorrência de topônimos de índole animal em relação a outras categorias na toponímia francesa e, também, à perspectiva de Backheuser (1950) de que, na toponímia brasileira, os nomes de animais são menos recorrentes. Isso demonstra que a realidade toponímica de uma determinada região pode ser bastante diferente de outra, uma vez que as designações acontecem de acordo com a perspectiva do denominador. Sapir (1969, p. 46), ao explicar a influência do ambiente no léxico de uma língua, assinala que “não são especificamente a fauna e os aspectos topográficos da região que uma língua reflete, mas o interesse da nação nesses traços ambientais”. Desse modo, de acordo com o interesse do grupo designador, o traço ambiental que mais lhe interessa é perpetuado como signo toponímico, ou seja, um signo linguístico com função toponímica, marcando a língua com tipologias identificadoras ligadas às suas necessidades e, por extensão, significativas para o grupo que nomeia o meio que o circunda.

A fauna de uma região é nitidamente refletida nos nomes dos acidentes geográficos. Na região pesquisada, a presença de animais é lembrada por meio de topônimos, como córrego do *Barbudo* (barbudo nomeia um peixe abundante na região, conhecido também como barbado), córrego *Jacaré*, córrego do *Cervo*, serra da *Sucuri*, córrego dos *Porcos*, córrego das *Vacas*, córrego dos *Bois*, entre outros.

Stewart (1954), por sua vez, assinala que o animal pode influenciar o designador em decorrência de um encontro casual do homem com um animal na localidade ou perto dela. Já Dick (1990, p. 262-263) destaca que “o animal, porém, não participa apenas utilitariamente de uma comunidade primitiva, na medida em que lhe serve de fonte alimentícia. Sua função, quase sempre, vai mais longe, figurando em um eixo relacionante integrado por ele mesmo e pelo próprio homem que o personifica”.

Moreira (2006, p. 207), ao estudar a toponímia paranaense, agrupa os zootopônimos, segundo a classe dos animais, “considerando o tipo de animal nomeado pela unidade lexical elevada à categoria de topônimo”. Aplicando esse procedimento à zootoponímia da região de Quirinópolis, também identificamos topônimos com nomes de animais relacionados aos cinco grupos estabelecidos pelo autor: **mamíferos**, **répteis**, **aves**, **peixes** e **insetos**. Como exemplos de topônimos com nomes desses tipos de animais, destacamos os seguintes: **mamíferos** – córrego dos *Bois*, córrego *Cavalos*, córrego do *Cervo*, córrego da *Vaca*, córrego da *Mula*, córrego da *Onça*, ilha da *Capivara*, córrego da *Anta*; **répteis** – córrego *Cascavel*, córrego *Sucuri*, córrego da *Cobra*, Serra do *Jacaré*; **aves** – córrego *Macuco*, córrego do *Jaburu*, córrego da *Ema*, córrego *Tucano*; **peixes** – córrego do *Lambari*, serra da *Pirapitinga* e córrego do *Barbudo*; **insetos** – córrego do *Cupim*, córrego *Mosquito*, córrego da *Abelha*, córrego do *Marimbondão*.

A análise dos zootopônimos da localidade pesquisada evidenciou a valorização da fauna local, uma vez que os nomes de animais foram recuperados para nomear lugares

como córregos, serras, municípios. Observamos, nesse contexto, que os animais que motivaram a nomeação dos acidentes geográficos aqui focalizados estão, de alguma forma, vinculados à vida do denominador, por isso exercem um importante papel no processo onomástico toponímico do universo pesquisado.

Os *antropotopônimos*, por sua vez, à medida que homenageiam pessoas em geral, principalmente as da localidade, costumam ser bastante recorrentes na toponímia brasileira, em especial na nomenclatura de acidentes humanos. Na microrregião de Quirinópolis, 86 (oitenta e sete) topônimos de acidentes físico-geográficos foram agrupados a essa taxa, correspondendo a um percentual de 14,88% do total dos nomes analisados e ocupando a 4ª posição na ordem de ocorrências. Ao tratar da importância dos nomes próprios na nomeação de lugares, Dick (1990, p. 293) assinala que

[...] a diversidade da motivação na escolha dos nomes próprios denota, portanto, em última análise, um reflexo da natureza psico-social do homem, das tendências e costumes dominantes em sua época e em seu meio. A identificação individual, através de apelativos é, ainda, pelo menos no estágio atual de desenvolvimento da civilização, a melhor maneira de se designar os elementos de um grupo humano qualquer.

Segundo Dargel (2003, p. 156), “às vezes, os *antropotopônimos* são designativos espontâneos, em outras, são impostos por autoridades políticas, por atos voluntários e até por oportunismo”. Muitas vezes a nomeação de bairros, de rodovias, de córregos, de serras, só para citar alguns tipos de acidentes, resulta da ação individual da região, normalmente um político influente que, por interesse material ou como solicitação de apoio político, propõe o nome de um habitante da sua ou de outra região, para nomear o acidente, muitas vezes como forma de obtenção de benefícios próprios.

De acordo com Dick (1990), a denominação espontânea acontece com os acidentes identificados simplesmente pelo nome de um morador, revelando, assim, uma característica denominativa de um pequeno horizonte geográfico, distinto daquela imposta por autoridades ou eventuais detentores do poder de mando e que, muitas vezes, se distinguem pelo distanciamento da realidade ambiental ou do gosto popular. Nesse caso, a razão de ser de uma nomeação anônima não extrapola as cercanias da localidade que lhe deu origem, por não possuir a força e o prestígio dos nomes históricos ou de projeção nacional.

No universo pesquisado, verificamos que os *antropotopônimos* homenageiam pessoas que tiveram importância regional, mais especificamente local, como é o caso de córrego do *Lucas*, serra do *Rosilho*, córrego *Augustinho*, córrego do *Miranda*, córrego *José Brás* – proprietários de fazendas próximas aos acidentes nomeados.

- | A toponímia dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis/Sul Goiano

Por último, denotando topônimos de índole mineral, os *litotopônimos*, neste artigo, nomearam 62 (sessenta e dois) acidentes, atingindo um percentual de 10,73% do total de topônimos analisados. Desde o descobrimento do Brasil, o principal motivo dos colonizados na conquista do Novo Mundo era “a cobiça do ouro, e o amor às riquezas do mundo” (DANIEL, 1975 apud DICK, 1990, p. 131). Essa cobiça se dá justamente pela influência das condições ambientais, refletindo-se nos topônimos dos acidentes físicos de uma região. Sapir (1968, p. 44), por exemplo, demonstra a maneira pela qual as condições ambientais se refletem na língua de um determinado grupo social, estruturando-se em classes conceituais de ampla significação:

Não obstante, tratando-se de língua que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo “ambiente” tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regimes de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora, os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais, estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR, 1968, p. 44).

Notamos que a litotoponímia na microrregião de Quirinópolis não difere do restante do Brasil. Geralmente os *litotopônimos* revelam algumas das características minerais da região pesquisada, como é o caso dos topônimos a seguir mencionados, representantes emblemáticos da região aqui estudada: córrego do *Lajeado*, córrego do *Barro Preto*, córrego das *Pedras*, morro do *Cal*, córrego da *Pedra Branda*, córrego *Pedra Vermelha*, entre outros. Dick (1986, p. 65) esclarece que os

[...] aliados aos que refletem, em sua manifestação mórfica, a natureza constitutiva dos solos ou dos terrenos, estão relacionados diretamente a dois fatos: um, de índole genérica, física, ambiental, específico às regiões de terra, em sua constituição (areia, barro, lama, terra, por exemplo); outro, mais restrito, porque diz respeito, de perto, a alguns dos momentos mais significativos da história de um povo.

No caso da pesquisa realizada, constatamos que parte dos topônimos de índole mineral da região pesquisada corresponde ao primeiro caso assinalado por Dick, “índole genérica”, como já exemplificado alhures, e outra parte ao segundo caso que a autora considera mais restrito, uma vez que pode fazer referência a momentos significativos da história de um povo. Acreditamos que os córregos *Pedra Branca* e *Pedra Vermelha* podem

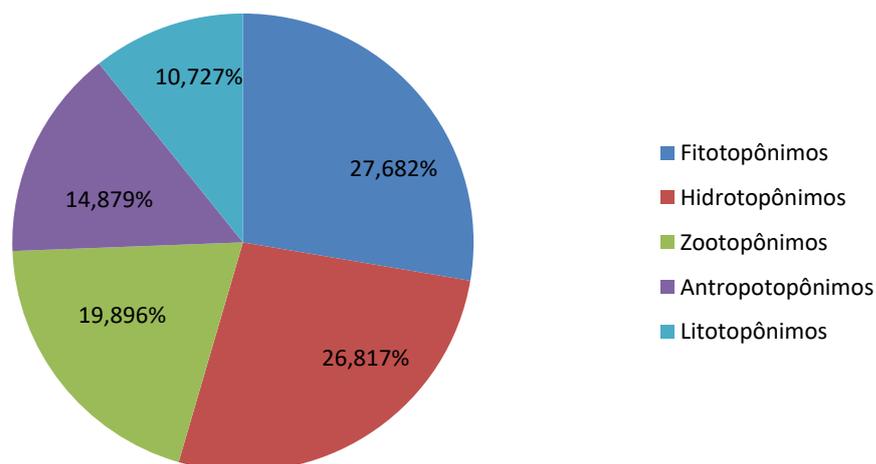
ter recebido tais designações por caracterizarem as pedras preciosas encontradas na região na época da colonização do sertão goiano.

A análise das taxionomias mais produtivas da microrregião de Quirinópolis foi um dos objetivos da pesquisa que deu origem a este artigo. Para tanto, nos propusemos, por uma questão metodológica, a analisar as cinco taxionomias de maior ocorrência, como já explicitado anteriormente. A análise apresentada procurou evidenciar aspectos da relação existente entre o homem e o ambiente que o cerca. O denominador/designador, ao nomear os acidentes físico-geográficos da microrregião de Quirinópolis, optou, na maioria das vezes, por retratar os aspectos do espaço geográfico circundante.

Concluída a análise dos topônimos referentes às cinco taxionomias mais produtivas do *corpus*, na sequência, examinamos a questão da língua de origem dos topônimos, destacando estratos linguísticos predominantes na formação do português brasileiro e, por consequência, da toponímia brasileira.

### Língua de origem dos topônimos

O estudo das camadas étnicas presentes na toponímia da região aqui estudada revela importantes relatos da história, da cultura, da língua do povo da localidade. O Gráfico 3 a seguir fornece uma visão geral das línguas de origem dos topônimos da microrregião de Quirinópolis.



**Gráfico 3** – Distribuição dos topônimos rurais da microrregião de Quirinópolis, segundo a língua de origem

Fonte: Pereira (2009, p. 152)

- | A toponímia dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis/Sul Goiano

Os dados percentuais evidenciados no Gráfico 3 demonstram que, na toponímia da microrregião de Quirinópolis, a exemplo da toponímia brasileira em geral, ocorre a predominância de topônimos de origem portuguesa, com 84,66%, seguidos dos de base indígena com 14,06% e dos de origem africana com 1,07%.

Sabe-se que, quando os portugueses chegaram ao território brasileiro, no século XVI, encontraram os povos autóctones com cultura, línguas e hábitos específicos já solidificados. Embora os índios fossem, por direito, os donos da nova terra descoberta, os portugueses aqui se instalaram e fizeram-se donos dela. Em decorrência do processo de colonização e, por consequência, da necessidade de mão de obra, grupos africanos também foram trazidos como escravos para o Brasil, no período que ficou conhecido como tráfico negreiro. A história do Brasil mostra que os portugueses fizeram dos negros e de muitos índios seus escravos, submetendo-os a maus tratos de diferentes tipos.

Por meio do estudo da toponímia de uma região, é possível perceber, claramente, a importância dos diferentes grupos étnicos na formação linguística de um país. No período correspondente ao descobrimento do Brasil, por exemplo, o colonizador lusitano quis impor suas regras de nomeação, por considerar-se o novo dono da terra descoberta. No entanto, teve que se adaptar ao meio, por uma questão de sobrevivência, pois os índios eram guerreiros e defendiam seu clã e seu território. Assim, o colonizador teve que aprender as línguas faladas pelos autóctones que foram chamadas, pelos portugueses, de línguas gerais (BEARZOTI FILHO, 2002). Tratando da toponímia, Dick (1988, p. 84) esclarece que,

[...] desde que para o Brasil vieram os portugueses, começou a se instalar entre nós uma nomenclatura geográfica que, nos seus primórdios, ou melhor dizendo, nos primeiros acidentes reconhecidos, trazia a visão personalíssima do elemento lusitano, com sua psicologia religiosa e espiritualista aflorando na geografia que, palmo a palmo, ia percorrendo. Parece que para ele não importava a nomeação particular e legítima dos autóctones. Primeiro, porque isto não deveria fazer parte de suas preocupações, depois porque ele estava diante de um povo que desconhecia, em suas reações e sentimentos, a quem ele, o conquistador, viera para dominar. Não apenas pela superioridade numérica, mas pela força de suas tradições e pelo poder de seu verbo.

Embora na toponímia brasileira predominem os de base portuguesa, pode ser considerado significativo o montante de ocorrências de nomes indígenas, uma vez que, em relação à herança indígena na toponímia brasileira, há uma média de 10.000 topônimos atribuídos a acidentes geográficos de diversas ordens, já inventariados por Dick (1986).

O predomínio de topônimos de origem portuguesa na microrregião em estudo é explicável, se considerarmos o fato de os primeiros desbravadores do estado de Goiás terem sido os bandeirantes paulistas e os mineiros que possuíam a língua portuguesa como oficial. Esses dominadores/colonizadores, falantes da língua portuguesa, impuseram aos povos indígenas a sua soberania, sua cultura e, claro, sua língua, tanto que, não só nessa microrregião, mas em todo o Brasil, é constatada a superioridade de topônimos de origem portuguesa. No universo aqui pesquisado, dos 932 topônimos estudados, 84,66% são de origem portuguesa e apresentam uma enorme riqueza de aspectos que merecem reflexão, o que corrobora a posição de Dick (1976, p. 317), de que “a Toponímia de origem portuguesa (ou brasileira propriamente dita), pela multiplicidade de traços ambientais” dispõe ao toponimista um significativo espaço para estudos e, nesse contexto, é preciso considerar “as condições mesológicas”, uma vez que

[...] os primeiros topônimos funcionavam, portanto, como verdadeiros “sign-posts”, ou marcas semióticas de identificação dos lugares, usadas com a finalidade de distinguir as características de espaços semelhantes: uma forma, uma silhueta, o perfil de uma paisagem se apresentando como recortes de uma corografia maior a ser detalhada (DICK, 1995, p. 60).

Nesse sentido, percebemos que o colonizador nomeava os lugares por onde passava com designativos que caracterizavam o ambiente. Nota-se nessa situação a função emblemática do topônimo no lugar em que ele foi designado, comprovando, assim, a influência exercida pelo ambiente no léxico da língua (SAPIR, 1969, p. 45). Sobre o assunto, Dick (1976, p. 318) assinala que “os princípios geográficos e históricos do país” condicionam um determinado tipo de atividade material por causa do momento histórico em que se encontram, chegando ao estabelecimento da correspondência entre o nome do lugar “e a condição terminológica determinativa”. Com isso, entende-se,

[...] claramente, a passagem de um designativo comum de língua à categoria de topônimo, fruto de mecanismo espontâneo de nomeação, embora motivado externamente pelas conjunções do meio. Mais ainda, as “áreas culturais” podem sugerir a formação de “áreas toponímicas”, em virtude de maior concentração de nome de uma mesma camada significativa, em sua região (DICK, 1976, p. 318).

Essas constatações de Dick têm sido validadas em trabalhos sobre a toponímia brasileira de diferentes regiões do Brasil. Na região aqui pesquisada, diversos topônimos de origem portuguesa são resultantes da ligação do homem com a terra, com o ambiente. Essa ligação ora acontece motivada por elementos da cultura material, ora pela importância da fauna e da flora para o grupo, dentre outros fatores. Recuperando elementos da cultura material, notamos, dentre outras, ocorrências como córrego *do Tanque* (AF/Itajá), Córrego

- | A toponímia dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis/Sul Goiano

*da Buzina* (AF/Itarumã), *córrego do Carro* (AF/Itarumã), *córrego do Fogão* (AF/Itarumã), *córrego do Monjolo* (AF/Itarumã). Já no tocante a elementos da flora, temos o *córrego da Abelha* (AF/São Simão), *córrego do Alecrim* (AF/São Simão), *córrego Jenipapo* (AF/São Simão), *córrego dos Bois* (AF/Paranaiguara), só para citar alguns exemplos. É possível notar que muitos são os fatores influenciadores no ato do batismo de um topo em determinado espaço geográfico. Nesse processo, o signo da língua é transformado em signo toponímico, passando, desse modo, a designar um espaço real do universo a que ele pertence. Isso acontece não só com topônimos oriundos da língua portuguesa, como também com os procedentes de outras línguas naturais encontradas no universo pesquisado, como é o caso de topônimos de origem indígena e africana.

Em relação à língua indígena, na toponímia pesquisada, nota-se claramente a predominância da língua tupi, manifestada num montante de 130 ocorrências (14,04%), resultado significativo, já que a região de Quirinópolis não registra a presença de grupos étnicos do tronco tupi, uma vez que era terra do tronco Macro-Jê. Na microrregião de Quirinópolis, só registramos um (01) topônimo pertencente a esse tronco, mais especificamente, o *córrego Caiapó* (AF/Caçu). Acreditamos que a significativa ocorrência de nomes de origem tupi no universo pesquisado se deu por alguns motivos, a saber: i) os colonizadores que vieram para Goiás já possuíam nomes de origem tupi internalizados na sua língua; ii) a presença de índios dessa etnia nas bandeiras na época da colonização do interior do Brasil e, conseqüentemente, do sertão goiano; iii) incorporação do léxico tupi no acervo vocabular do português brasileiro. Tais motivos, provavelmente, contribuíram para a disseminação do léxico de base tupi em todo o território brasileiro. Nesse particular, Sampaio (1928, p. 2) esclarece que

[...] ao europeu, porém, ou aos seus descendentes cruzados, que realizaram as conquistas dos sertões, é que se deve a maior expansão do *tupi*, como *língua geral*, dentro das raias atuais do Brasil. As levas, que partiam do litoral, a fazerem descobrimentos, falavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas, os próprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colônias, espalhadas nos sertões, falando também o tupi e encarregando-se naturalmente de difundi-lo.

Bearzoti Filho (2002, p. 43), por sua vez, ao tratar das designações de origem tupi, assinala que “em grande parte, trata-se de topônimos atribuídos não por índios, mas por bandeirantes, que, como já vimos, utilizavam a língua geral como idioma de comunicação ordinária em suas expedições”.

Percebe-se, pois, que os índios tupi acabaram contribuindo, e muito, com o léxico do português brasileiro, o que resultou numa riqueza de possibilidades nomenclaturais, já que enriqueceram sobremaneira o patrimônio lexical do português brasileiro e, por conseqüência, da toponímia. Segundo Dick (1992, p. 120),

[...] o sistema lexical tupi, como reflexo de uma sociedade de economia mista, deixou uma gama variada de contribuição linguística ao português, que preservou, nos vocábulos fossilizados, as características de uma realidade ambiental diversificada ou de múltiplos domínios de experiência. Se muitos desses designativos, hoje, escapam ao linguajar corrente do brasileiro, impulsionado, constantemente, pela dinâmica da língua, outro tanto não ocorre na toponímia, que se vale deles como uma fonte contínua de motivação, mantendo, assim, vivas, as tradições culturais indígenas.

Na região aqui pesquisada, constatamos, claramente, a presença do léxico de base tupi na toponímia regional. Ilustram isso topônimos como *Guariroba*, *Jacaré*, *Jatobá*, *Paranaíba*, *Pindaíba*, *Sapé*, *Sucuri*, *Taboca*, *Tapera*, *Jaborandi*, *Aporé*, *Bacuri*, dentre outros, documentados na onomástica da microrregião de Quirinópolis.

Nesse contexto, merece registro o fato de a história dos índios tupi na América ter começado bem antes do contato com os europeus. Por volta de 1000 a.C. “os povos indígenas que hoje chamamos de tupis-guaranis e arauaques – variação de *arawak* – já habitavam o sudoeste da Amazônia” (BEARZOTI FILHO, 2002, p. 67). Segundo esse mesmo pesquisador, talvez por questões de alterações climáticas, parte desses povos tenham empreendido grandes movimentos migratórios em direção a outras regiões da América, durante muitos séculos. Já no século XVI, os contatos entre portugueses e índios tupis do litoral se intensificaram e, com isso, instaurou-se a necessidade de comunicação entre esses grupos. Como naquela época os portugueses eram em menor quantidade, eles precisaram aprender, parcialmente, o tupi, pela necessidade de comunicação com os nativos. Em decorrência do contato com lusitanos, os índios perderam muito de sua cultura devido à “esperteza” dos portugueses que, interessados nas riquezas brasileiras, e também na mão de obra dos índios para a construção da nova pátria, aproveitavam-se não só da inocência dos povos primitivos que ali viviam, mas também da riqueza cultural e material transmitida por eles. Essa forte relação entre índios e brancos reflete-se nas denominações geográficas brasileiras, como demonstramos neste texto e pudemos observar em outros trabalhos da área a que tivemos acesso.

Quanto aos topônimos de origem africana, poucos foram os registros toponímicos na região pesquisada – 10 ocorrências, com um percentual de 1,07% do *corpus*. Identificamos os seguintes topônimos de base africana: *Moleque*, *Monjolo*, *Congo*, *Cangalha*, *Macaco*, *Bananas* e *Marimondo*. Acreditamos que um dos motivos da pouca ocorrência de topônimos de origem africana relaciona-se à própria questão do baixo número de empréstimos das línguas africanas incorporados ao léxico do português do Brasil, se considerado o grande contingente de povos africanos que veio para o Brasil no período colonial. Isso se explica pela própria história da escravidão no Brasil, dadas as circunstâncias em que o negro passou a integrar a população brasileira (século XVI).

- | A toponímia dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis/Sul Goiano

Na condição de escravo, ocupavam posição desprivilegiada na organização social do espaço, tendo inclusive limitações quanto ao uso da língua e à manifestação da cultura. É certo que os índios também serviram como escravos no processo de colonização, mas numa condição diferente em termos de dependência, pois os portugueses precisavam deles para conseguir conquistar o novo território, uma vez que só o índio conhecia a terra descoberta. Já os negros vieram para o Brasil unicamente como mão-de-obra escrava. Ao tratar do convívio entre as etnias africanas, indígenas e portuguesas, no território brasileiro, Dick (1985) esclarece que, nos primórdios do século XVI, três diferentes grupos étnicos viveram no Brasil: o indígena que aqui já se encontrava quando o colonizador chegou ao Novo Mundo e o negro que veio a partir da necessidade de outros colaboradores talvez mais pacíficos em relação aos indígenas. Com a chegada do negro houve uma alteração considerável no “primitivo conjunto racial heterogêneo”, já que novos hábitos se instalaram, outras línguas passaram a ser faladas no novo território. A autora supracitada assinala ainda que

Línguas gerais ou de comunicação se impuseram para reunir os falantes dos grupos não-brancos: do lado americano, o tupi, a mais falada na costa do Brasil, transmitindo ao vocabulário brasileiro cerca de 10.000 palavras; do lado africano, duas outras concorreram entre si: o nagô ou iorubá, na Bahia, do grupo sudanês, e o quimbundo, no Nordeste e mais ao Sul, a partir de Minas Gerais até o Rio de Janeiro e São Paulo, aproximadamente representando os povos bantus. Se os topônimos indígenas são mais significativos em extensão, na proporção direta do próprio vocabulário transmitido, os africanos configuram-se menores, extensivamente, porque o próprio contingente vocabular legado ao português é pequeno, cerca de trezentos termos mais ou menos, numa desproporção clara com o total de negros imigrados (DICK, 1985, p. 24).

Os registros de Dick justificam a desproporção inexistente entre a produtividade de topônimos de origem indígena e a de origem africana, pois esse fato se deu, primeiramente, na língua. A toponímia da microrregião de Quirinópolis ratifica essa tendência nacional do processo designativo.

No universo dos topônimos estudados, não foi possível identificar a língua de origem de 02 topônimos: córregos *Tambiacó* e *Imujosa*. A elucidação desses nomes será objeto de estudos futuros a partir de novas fontes a serem buscadas.

Em síntese, a presença de diferentes estratos linguísticos é claramente notória na estrutura morfológica dos topônimos, devido às influências da linguagem falada. Sobre o assunto, Dick (1996, p. 35) assinala que

[...] as camadas portuguesas, a indígena (especialmente a de origem tupi) e a africana, além de uma combinatória das duas primeiras (nomes portugueses + nomes tupis e nomes tupis + nomes portugueses), caracterizando as formações mistas ou híbridas que alteram a posição sintagmática dos elementos constituintes na sequência dos conjuntos.

Nesse contexto, apresentamos na continuação de nosso estudo o tratamento que damos para os constituintes estruturais dos topônimos.

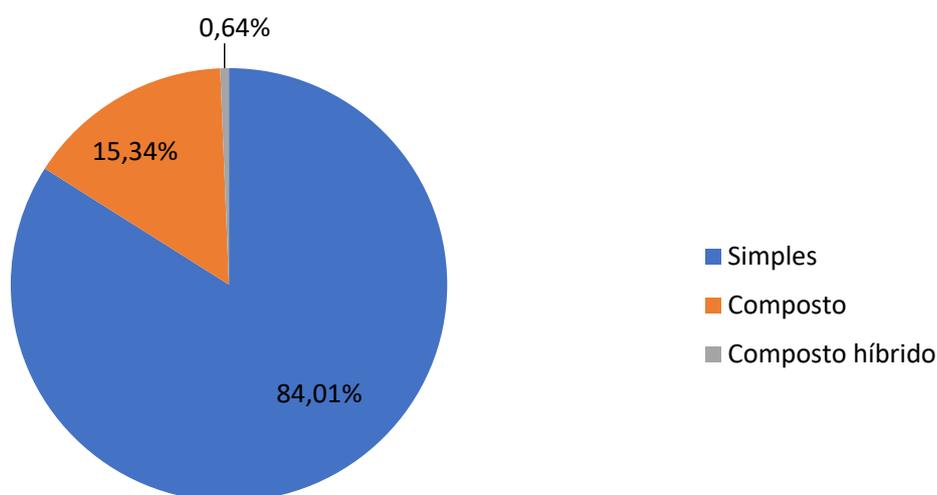
Seguindo os parâmetros teórico-metodológicos adotados para este artigo, consideramos o elemento específico do sintagma toponímico como fonte de investigação. Segundo Dick (1992), o topônimo pode ser classificado em sua estrutura morfológica, como simples, composto e composto híbrido.

### **Estrutura morfológica dos topônimos**

Do total de signos toponímicos catalogados na pesquisa que deu origem a este artigo, 783, ou seja, 84,01% são de estrutura simples, ou seja, constituídos por um formante, uma vez que, no processo de nomeação, o designador/enunciador utiliza, na maioria das vezes, apenas um elemento designativo. Daí a predominância de topônimos de estrutura simples no *corpus* desta pesquisa. Os sintagmas toponímicos – possuidores de mais de um formante lexical – somaram um total de 143 nomes, representando um percentual de 15,34%. Já os casos de hibridismos apareceram em seis topônimos compostos (0,64%), estruturados a partir de duas bases linguísticas – tupi + português: córrego *Buriti Comprido* AF/GO, córrego *Buriti Fechado* AF/GO, córrego do *Buriti Triste* AF/GO, córrego *Capim Podre* AF/GO, córrego do *Buriti Grande* AF/GO e córrego do *Capão Grande* AF/GO.

O Gráfico 4, a seguir, apresenta a produtividade dos topônimos da microrregião de Quirinópolis, segundo a estrutura morfológica.

- | A toponímia dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis/Sul Goiano



**Gráfico 4** – Distribuição percentual dos topônimos da microrregião de Quirinópolis em termos de estrutura morfológica  
Fonte: Pereira (2009, p. 158)

Os dados da pesquisa que originou este artigo revelaram que o processo de nomeação segue tendências universais. Nesse sentido, retomamos a posição de Stewart (1954, p. 2), para quem um dos mecanismos mais produtivos utilizados no batizo de um nome é a recorrência aos nomes descritivos, nos quais uma “qualidade permanente ou semipermanente do lugar em si” torna-se a motivação do nome a ser escolhido para o acidente. Assim, valendo-se de um adjetivo ou de um substantivo, o designador batiza um espaço com um nome cuja motivação pode ser facilmente percebida por qualquer pessoa. Como exemplo dessa característica descritiva do topônimo, citemos o córrego da *Sucuri* que evoca a possível existência dessa cobra no local onde se localiza o córrego, daí a motivação para a escolha desse nome.

Destacamos aqui, novamente, as palavras de Dick (1995, p. 60) que, ao discorrer sobre o processo de nomeação dos acidentes, atesta que “os primeiros topônimos funcionavam [...] como verdadeiros ‘sign-posts’, ou marcas semióticas de identificação dos lugares, usadas com a finalidade de distinguir características de espaços semelhantes [...]”. A pesquisadora esclarece ainda que esse fato explica a “quase-monotonia” apresentada na “primeira camada da nomenclatura geográfica” e demonstra que, com a adoção de nomes descritivos, houve, em princípio, uma tendência de o designador recorrer aos “arquétipos toponímicos” ou “universais denominativos”. Desse modo, o substantivo é utilizado como forma de retratar o acidente de maneira concreta e o adjetivo para demonstrar a subjetividade do enunciador (DICK, 1995, p. 60-61).

Dependendo da necessidade do grupo em um momento específico, as manifestações onomásticas descritivas acontecem de forma espontânea e em diferentes

regiões do planeta, como assinalam Stewart e Dick. Nessa linha de raciocínio, Dargel (2003, p. 233) destaca que o topônimo *Aporé* (AF) motivou vários outros signos toponímicos relacionados ao rio Aporé no espaço por ele banhado. A autora esclarece ainda que “esse fato se dá não só no BSM<sup>8</sup> como também em Goiás, na área em que o rio *Aporé* limita-se com o Mato Grosso do Sul”. Topônimos como serra do *Aporé* (AF/Goiás e Mato Grosso do Sul) e o município de Aporé (AH – Goiás) confirmam o exposto.

Esse mecanismo de nomeação é, pois, um dos mais recorrentes na toponímia dos acidentes físico-geográficos, já que o designador utiliza, na maioria das vezes, apenas um elemento descritivo e, assim, a estrutura morfológica predominante em uma área toponímica tende a ser a do topônimo simples, como constatado tanto na microrregião de Quirinópolis, como na do Bolsão Sul-mato-grossense (DARGEL, 2003) e na toponímia de municípios do Triângulo Mineiro (ATEMIG), por exemplo.

## Considerações finais

Pelo estudo aqui apresentado, destacamos a evidência de aspectos da relação entre o homem e o ambiente que o cerca. Verifica-se, assim, que a preferência por nomes de categorias de natureza física é recorrente na toponímia de um modo geral, principalmente quando se trata de um estudo da toponímia rural de um espaço geográfico. O homem, por meio da ação denominativa, procura evidenciar o que tem de mais valioso no local nomeado, como a vegetação, os rios e os animais. Em meio a esse processo denominativo, o designador deixa registrado nos topônimos aspectos sócio-linguístico-culturais do povo que ali vive ou viveu no período de colonização da região.

Como já assinalado no decorrer deste texto, o recorte aqui apresentado é resultado da pesquisa que realizamos (PEREIRA, 2009). Desde então, outros trabalhos têm sido realizados, a exemplo de Pereira (2011, 2012, 2016), Lima e Pereira (2016), Lima (2011), Franco (2012) e Brandão (2012); e as investigações toponímicas no âmbito do Projeto ATEGO – Atlas Toponímico de Goiás, sob a coordenação da Prof. Dr<sup>a</sup> Kênia Siqueira, da Universidade Estadual de Goiás, que desde 2011 muito tem contribuído para o avanço dos estudos toponímicos do Estado.

## Referências

ATAÍDES, J. M. de. A Chegada do Colonizador e os Kaiapó do Sul. In: MOURA, M. C. O. de. (Coord.). **Índios de Goiás: uma perspectiva histórico-cultural**. Goiânia: Editora da UCG/Ed. Vieira/Ed. Kelps, 2006. p. 51-88.

---

<sup>8</sup> Bolsão Sul-mato-grossense.

- | A toponímia dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis/Sul Goiano

BACKHEUSER, E. Toponímia. Suas regras, sua evolução. **Revista geográfica**, Rio de Janeiro: Instituto Pan-Americano de Geografia e História, v. IX, X, n. 25, p. 163-195, 1940 a 1950.

BEARZOTI FILHO, P. **Formação lingüística do Brasil**. Curitiba: Nova Didática, 2002.

BRANDÃO, J. P. **A toponímia urbana de Itajá – GO**. 2012. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português e Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Cassilândia, 2012.

CHASTAN, L.; FARIA, J.; NASCIMENTO, E. Goiás – **Extremo Sudoeste – III**: os precursores e o cerrado, no limiar do III milênio. Goiânia: Gráfica O Popular, 2001.

DARGEL, A. P. T. P. Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense. 2003. 264 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2003.

DAUZAT, A. Les noms de lieux. Origine et évolution. Paris: Librairie Delagrave, 1922.

DICK, M. V. de P. do A. Tradição e Modernidade na Toponímia. **Arquivo Boletim Histórico e Informativo Arquivo do Estado**, São Paulo, p. 99-102, 1986.

DICK, M. V. de P. do A. A Litotoponímia no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo: editora da USP, n. 26, p. 65-72, 1986.

DICK, M. V. de P. do A. Atlas toponímico: um estudo de caso. **Acta Semiotica et Lingvistica. SBPL**. São Paulo: Plêiade, v. 6, p. 27-44, 1996a.

DICK, M. V. de P. do A. Atlas toponímico: um estudo dialetológico. **Actas Del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología e la América Latina**. Tomo III. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Librería Nogal, 1996b. p. 2389-2396.

DICK, M. V. de P. do A. O léxico toponímico: marcadores e recorrências lingüísticas. (Um estudo de caso: a toponímia do Maranhão). **Revista Brasileira de Lingüística**, São Paulo: editora Plêiade, v. 8, n. 1, p. 59-68, 1995.

DICK, M. V. de P. do A. O sistema toponímico brasileiro. **Separata da Revista Língua e Literatura**, São Paulo: ed. da USP, n. 5, p. 311-320, 1976.

DICK, M. V. de P. do A. Rede de conhecimento e Campo lexical: hidrônimos e hidrotônimos na Onomástica Brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. v. II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. p. 121-130.

DICK, M. V. de P. do A. Toponímia africana no Brasil. **D. O. de Leitura**, São Paulo: USP, n. 4, p. 22-24, 1985.

DICK, M. V. de P. do A. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

FARIA, J. Água Fria do Rio Claro: a saga de um povo. In: CHASTAN, L. **Goiás – Extremo Sudoeste – III: os precursores e o cerrado, no limiar do III milênio**. Goiânia: Gráfica O Popular, 2001. p. 30-42.

FRANCISQUINI, I. de A. **O Nome e o Lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí**. 1998. 255 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1998.

FRANCO, C. de F. **Os topônimos de origem indígena de Serranópolis (GO)**. 2012. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português e Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Cassilândia, 2012.

Goiás – Hidrografia. Disponível em: <[http://www.ambientebrasil.com.br/images/estadual/goias/go\\_rios.gif](http://www.ambientebrasil.com.br/images/estadual/goias/go_rios.gif)>. Acesso em: 21 jul. 2008.

GONSALVES, D. da L. **Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos**. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2004.

LIMA, R. N. R. de. **Toponímia Urbana do Município de Aporé-GO**. 2011. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras com habilitação em Português e Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Cassilândia, 2011.

LIMA, R. N. R. de. **Toponímia Urbana do Município de Aporé-GO**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras com habilitação em Português e Inglês) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Cassilândia, 2011.

- | A toponímia dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis/Sul Goiano

LIMA, R. N. R. de.; PEREIRA, R. R. A toponímia urbana de Aporé-GO: a designação como reflexo de um povo. **Artefactum**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 1-15, 2016.

MOREIRA, H. C. **A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das Missões e Estrada de Palmas**. 2006. 269 f. Dissertação (Mestrado Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

PEREIRA, R. R. **A Toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do Sul Goiano**. 2009. 2004 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

PEREIRA, R. R. A toponímia rural da microrregião de quirinópolis/sul goiano – o nome dos acidentes físicos. In: **Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**, 2013, Goiânia/GO. Língua Portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas. Goiânia: FUNAPE, 2013. p. 953-961.

PEREIRA, R. R. Os diminutivos na toponímia da região de fronteira entre Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais – marcas de um povo. In: XX Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná, 2011, Londrina. **Anais do Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná**, 2011.

SAMPAIO, T. **O Tupi na geografia nacional**. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.

SAPIR, E. **A lingüística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SCHNEIDER, M. **Um olhar sobre os caminhos do Pantanal sul-mato-grossense: a Toponímia dos acidentes físicos**. 2002. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2002.

SOUZA, C. R. **Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da Retirada da Laguna**. 2006. 233 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2006.

SOUZA, C. de; CARVALHO, S. **Paisagens e História de Goiás**. São Paulo: Harbra Ltda, 2002.

STEWART, G. R. A classification of place names. **Names**, Beckerley, v. II, n. 1, p. 01-13 mar. 1954. (Tradução de Erasmo de Almeida Magalhães).

TAVARES, M. **Toponímia sul-mato-grossense**: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2004.

TAVARES, M. C. **Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul**: o desvendar de uma história. 2005. 239 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2005.

TIBIRIÇA, L. C. **Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi**. Significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço Editora, 1985.

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** PEREIRA, Renato Rodrigues. A toponímia dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis/sul goiano. **Revista do GEL**, v. 15, n. 2, p. 8-32, 2018. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v15i2.1846>

**Submetido em:** 19/06/2017 | **Aceito em:** 25/06/2018.

---